



VALLE NAS CERCANIAS DE LUCERNA.

«... pequena cidade de Lucerna, capital do cantão suíço do mesmo nome, e gentilmente situada na margem do lago dos Quatro-Cantões.»

ANNA DE GEIERSTEIN. tom. 1.º pag. 6.  
Traducção do Sr. RAMALHO.

A NOVELLA de Walter Scott, que acabamos de citar, contém descrições das variadas scenas naturais da Suíça, que apresentam com viveza e verdade as maravilhas e as propriedades características dessa região, tão visitada pelos que apreciam as obras estupendas da criação, e querem e podem ir contempla-las onde as espargiu a Mão Omnipotente. — A palavra do escriptor escocês exprime e pinta os valles, os desfiladeiros, as montanhas, as geleiras da Suíça, com mais energia que o pincel que apenas traslada o acanhado bosquejo de uma localidade parcial. — Felizmente os leitores portuguezes acharão reproduzidos na versão do Sr. Ramalho, e com elegancia a par da fidelidade, os quadros descriptivos, que embellezam uma das melhores composições narrativas de celebre auctor de «Waverley.» — Se fôra a nossa intenção descrever o aspecto singular, e os accidentes do territorio dos cantões helveticos, tomaríamos daquella obra alguns extractos; porem agora só nos cumpre dar breve noticia da cidade de Lucerna. É ella sita na extremidade occidental do lago, onde vem desaguar o Reuss, que a divide em duas partes desiguaes; a maior, na margem direita do rio, está edificada na encosta d'um cabeço; toda é rodeada de antigas muralhas torreadas; e do lago faz bella vista por estar assente em meio de um territorio aprazivel e coberto de arvoredos, salpicado de bonitas casas campestres, com o monte Pilatos que se levanta de um lado, e o monte Rigi do outro para alem do lago. A povoação interiormente não é tão agradável

JUNHO 8 — 1844.

porque as ruas são estreitas, esconças, e mal calçadas. Os edificios notaveis são; a casa municipal com algumas formosas salas bem pintadas; o collegio dos jesuitas igualmente adornado com uma excellente obra do professor Torriani; o arsenal que conserva algumas reliquias das batalhas de Sempach e Morat; as tres pontes cobertas, guarnecidas de pinturas, e que servem de passeios, constituindo a principal curiosidade de Lucerna.

A cidade comprehende 8:150 habitantes: tem dois hospitaes, uma caixa economica, e varias instituições de beneficencia, e tambem uma associação philarmonica, um museu mineralogico, e boas e bem regidas escholas de ensino primario e secundario. — Aqui reside o nuncio do papa, por ser Lucerna o principal dos cantões catholicos.

N'um sitio proximo á cidade vê-se o monumento erecto á memoria dos guardas suíços que morreram defendendo o palacio das Tulherias em 10 de agosto de 1792.

AS LETRAS NA ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO  
EM PORTUGAL.

(Fragmento de um livro inédito.)

(Conclusão.)

O PADRE Fr. José de St.ª Maria, operario imperturbavel no seu ministerio, por elle morreu; porque sahindo no inverno de dezembro a uma confissão, ao recolher-se pelas duas horas da noite para o convento lhe ficaram os çapatos cravados nos barros da Cotovia, e como era mimoso de compleição, a fria humidade o penetrou de sorte, que em tres dias passou á eternidade. Eu tambem devo a ella

2.ª SERIE — VOL. III.

passar esta memoria agradecida deste meu bemfeitor. Elle o seria do padre Esteves, se continuasse a viver, porque era docil, e acabaria de ver que as sciencias nunca teem estado de quietação sociegada postas em mãos de homens, hoje menos cegos, n'outro dia determinados a verem de boa fé cousas a que os tempos dão côres diversas. Assim mesmo acontecia ao padre Esteves, porque no principio não lhe foram as luzes e os meios tão expeditos como as cousas pediam, e ao mesmo tempo o genio agudo agudezas metaphysicas misturava nas mesmas suas proposições, contrarias ao uso commum escolastico, que elle impugnava. Com tudo isto estava que entre as questões escolasticas de theologia, nas quaes foi habilissima pessoa o padre Esteves, tratou de controversia, e nella a chronologia dos annos de Christo. Era conseguinte a guerra pelo chamado scisma litterario, porem o melhor direito prevaleceu. Nestes casos, e no da cantilena sediciosa, de que se faziam applicações novas pela incapacidade de treparem a subidas especulações, desprezaram os prudentes a provocação, asseguraram o dictame, e cumpriram-se os justos intentos. Não era Fr. Pedro Esteves homem para se amedrontar em semelhantes cousas. Levou suas intenções avante, e o que a outros pareceu capricho, elle sempre entendeu ser convencimento, a que não sabia resistir. Sua alma perpetuamente occupada sobre os livros achava maior probabilidade nas resoluções metaphysicas avessas ao commum dos doutores escolasticos. Postillou a favor do decreto mediato de Durando, e o sustentou. Esteve pelo maior numero dos predestinados, segundo os escriptos do benedictino de Monserraté: pela demonstração natural do mysterio da Santissima Trindade, segundo as explicações, que os expositores de Lullo tem publicado, e por muito Aristoteles contra Aristoteles. Depois dos experimentos physicos de Luiz Baden, que elle presenciou em Lisboa, e lição de Boyle, Tosca, e outros, ficou em disposição e affeições para as sciencias physicas. Era na verdade sujeito douto, e mostrou este caracter desde os bancos das aulas, ainda que a insinuação verbal não correspondia, por ser embaraçada, e algum tanto confusa. Tiveram nossos estudos naquelles dias emulação, brio, e acceitação pelo concurso de egregios professores, nem constam desmanchos litterarios na substancia das verdades eternas, ainda que a competencia entre sujeitos applicados costuma arrebatá-los para a independencia mutua e contradicção.

Foi solemne comtudo a controversia sobre a sciencia media.

.....

Os annos leaes litterarios pagou-os o padre Fr. Joaquim desempenhando as obrigações, segundo a pratica da Ordem, e materias das ordinarias lições para a jubilação. Porei neste lugar o que merece mais distincção. Quanto á philosophia no primeiro curso foi inteiramente peripatetico. No segundo triennio, em que a dictou, escreveu em compendio quanto fazia não necessaria nem decisiva a metaphysica dos philosophos corpusculares. Levava nisto salvar da injuria as imaginações peripateticas. Deixada em paz a liberdade philosophica, nunca entendeu que no descobrimento das constituições internas das cousas tinha a mente humana direito para destruir opinião por opinião, desde que viu ao newtoniano *suppor* o que não é possivel penetrar, e levá-lo assim ao que importa: amou esta regra e o physico util.

Nas conclusões do anno de trinta e quatro comprehendeu proposições de anatomia, porque a tinha estudado em secular. Nellas defende as prerogativas da alma racional contra os erros que leu, e allegou em Affonso de Castro na obra contra as heresias, auctor não volvido nas aulas escolasticas.

A maneira de annunciar as proposições nas theses era cuidado particular das pessoas curiosas. Não as propunham soltas, mas prendiam umas com outras com algum emphase ou galanteria, o que elle imitou, segundo o pedia o brio, e se julgava melhor. Entre os mais apurados se insinuavam neste modo de propôr as theses, as conclusões de philosophia do carmelitano Fr. Francisco Valesio, e as do conego regrante D. João Evangelista, dos primeiros que amplificaram a singeleza de expôr as proposições. Mais particular era a engenhosa afoiteza de expôr questões á escolha dos arguentes para sua decisão. Neste capricho litterario appareceram com agrado as conclusões de philosophia do doutor Fr. Bernardo de St.<sup>a</sup> Helena, eremita de St.<sup>o</sup> Agostinho, alternando em um bom corpo de conclusões de tres em tres uma affirmativa, negativa outra, e a terceira indifferente. Este luxo estudioso exercitava os engenhos e o espirito de problema, sendo este usado nas cousas sem consequencia. Mas é para temer que passe para as questões, em que a verdade deve ser decidida, e faça que até nestas seja a opinião rainha do mundo. Todos na provincia fizemos no tempo das aulas aquelle uso com menos ou mais sagacidade. São travessuras de engenho, que todavia carecem de prudencia. O decoro, que se buscava no offerecimento das conclusões a Mecenas, que as ennobrecessem, ou a santidades religiosas para o auxilio, ou fosse talvez testemunho de publicar assim alguma gratidão de beneficios recebidos, esculpia-se á face das theses expostas. A falla consistia em algum epigramma, ou em estylo lapidar. Não eram no gosto das inscrições gregas e romanas; eram sim agudezas bonitas, mais ou menos familiares, mais ou menos discretas. Depois destes accidentes, e da sobriedade, ou importunidade, digamos assim, quodlibetica, era outro ponto de honra expôr um copioso apparatus de theses ao exame publico. Isto fez o padre mestre Fr. Joaquim em o anno de trinta e sete. Esta necessidade, considerada em pessoa, que aspirava ao bom nome pelos gráus que taxam as estações da vida e pundonor dos homens, o fez presidir ás conclusões de mil trezentos e quarenta pontos em o anno de trinta e sete. E como a ellas eu assisti, estudando ainda então logica no estado secular, só posso qualificar a bondade do acto pelos agrados e applauso geral, que observei no auditorio sabio, e pela summa graça e viveza em auctorisar o que o defendente havia respondido. Já nestas conclusões elle sahia do foro escolastico. ....

Destas especies tomou o padre mestre Fr. Joaquim esforço para se affeição ao estudo das linguas. Porque não parece ingrata a noticia, relato como na provincia começou esta curiosidade a tomar corpo maior. Uma casualidade entre nós deu calor a esta condição, que chegou a estar plausivel nestes ultimos annos. Chegára de fóra em o anno de quarenta e dois o nosso mestre Fr. Henrique Manuel Evangelista, confessor do conde de Sandomil vice-rei do Oriente, e deputado alli do santo officio, e da junta dos rios de Sena, e capellão-

mór das armadas reaes. Entre algumas curiosidades indias trazia cousas na lingua marattá, e uma carta rabbinica, do que tudo elle não entendia. De palavra em palavra, faceis a crescer em repetidas conversações, viemos a entender o clamor da religião naquelles sitios pela sciencia das linguas. Perguntado então como se forma juizo pratico para sentenciar os erros, disse que havia bons interpretes. Com effeito em 1720 era bispo coadjutor e futuro successor de Macáu, e depois arcebispo de Gôa, o veneravel sacerdote da ordem dos eremitas de St.º Agostinho, Fr. Eugenio Trigueiros, e sabia as linguas, pois vi alguns cadernos do seu vocabulario de linguas orientaes. (·) Elle foi um dos quatro bispos, entre outros discipulos do mestre Annunciação, que este expediu para as missões da Asia, por instancia que lhe fez o geral da ordem, sabendo sua virtude e prestimo. Certo é que o vice-rei, João de Saldanha, em o anno de trinta deste seculo havia mandado para a academia real muitos escriptos de linguas orientaes e suas versões. O padre Jacome Gonçalves, do oratorio de Gôa, sabio nas linguas do paiz, escreveu sobre ellas antes do anno de quarenta. Do arcebispo de Cranganor, D. João, tenho eu certeza de saber as linguas do oriente pelas noticias dadas por seus irmãos. Com estas contra especies fermentou a curiosidade, e levantaria esta accendalha chamma duradoura, já que chegou a ser muito visivel, se frios astros não a tomassem d'avesso. Mas no principio das tentativas pareceu-nos unir as forças em Coimbra, fomentando-se, em quanto á lingua hebraica, a competencia reciproca entre mim e os doutores Fr. Nicoláu Balem e Fr. José de St.ª Ritta Durão, eremitas de St.º Agostinho, pelos annos de cincoenta. Começamos o estudo pela arte do padre Quadros, e depois pela de Buxtorff e seu lexicon. Como o padre Fr. Joaquim podesse ajuntar em Lisboa cabedal de outros livros de erudição hebraica, e desde o tempo do seu provincialado tentasse ver este interior da Biblia pela clave de *Stochio*. *Dissertações* de Ferraccio, e outros varios, senão foram muito adiante nosso desejos, conservou-se em bastante hospedagem aquella nova litteratura, para ella depois o agradecer, até ao ponto de nos deparar a providencia sabios heroes e maronitas, cujas instruções, unidas a melhores livros e diligencias de todas as especies, produziram fructos abençoados em o nosso convento de N. S.ª de Jesus de Lisboa, donde vieram reproduzir-se nos estudos de Beja, assim pelo que pertence ao estudo das linguas hebraica, arábica e grega, como a outros respeito.

*Arcebispo Cenaculo, no Elogio ou Vida do p.º Dr. Fr. Joaq. J. Pimenta da ord. 3.ª de S. Francisco.*

(\*) Julgamos que o A. se refere aos fragmentos mss., que ainda hoje se conservam na Biblioth. Pub. Eborense. D. Fr. Eugenio Trigueiros nasceu em Torres Vedras a 6 de janeiro de 1687. Tomou o habito no convento da Graça de Lisboa, e ahi professou a 27 de março de 1701. Estudou em Coimbra; e leu depois moral em Tavira, e theologia em Evora. Em 1715 passou ás missões de Bengalla, e achamos que foi vigario da igreja de N. S.ª de Guadalupe em Xatigão por 1722 e 1723. Governou o bispado de S. Thome de Meliapor. Em 1724 foi eleito bispo de Uranapoli, coadjutor e futuro successor do bispado de Macáu, aonde foi sagrado em 1727. Sendo já bispo de Macáu, e vagando o arcebisbado de Gôa, foi nomeado arcebispo primaz do Oriente em 1739; e falleceu na viagem de Macáu para Gôa, sem ter chegado a governar o arcebisbado. Os seus religiosos da Graça de Lisboa lhe fizeram esplendidas exequias a 13 de fevereiro de 1743, como consta da gazeta de 21 do mesmo mez.

NOVAS OBSERVAÇÕES SOBRE A ORTHOGRAPHIA PORTUGUEZA.

(Vid. na presente serie a pag. 419 do vol. 1.º e 27 e 42 do 2.º)

1. O orgão geral da voz humana consta da cavidade da bôca e suas partes correspondentes, desde as fauces até aos beiços e das fossas nasaes.

2. Na cavidade da bôca cumpre distinguir, como orgãos especiaes da pronuncia, as fauces, a lingua, o paladar, o queixo superior, os dentes e os beiços.

3. Os sons, em cuja formação nenhum dos orgãos especiaes da bôca exerce uma particular influencia, chamam-se *vogaes*.

4. Aquelles, para cuja formação algum dos ditos orgãos concorre d'um modo particular, chamam-se *consoantes*.

5. Na lingua portugueza, segundo a pronuncia predominante na capital do estado, distinguem-se seis sons vogaes denominados simples e puros, que se denotam ordinariamente pelas letras: a, e, i, o, u, ó.

6. Alem destas, ha cinco vogaes, para cuja formação não concorrem as fossas nasaes, por isso que, ao pronuncia-las, se comprime o meato, por onde aquellas fossas communicam com a bôca; e denotam-se com os seguintes caracteres: am, an, ã; em, en, im, in, om, on, õ; um, un. Por antíphrase, deu-se a estes sons o epitheto de *nasaes*.

7. As vogaes são susceptiveis, umas de dois, outras de tres tons, segundo os quaes se distinguem em *agudas*, *graves* e *mudas*.

8. As agudas denotam-se com o accentto agudo [´]; e as graves com o accentto circumflexo [ˆ]; nas mudas não se põe accentto algum.

9. Admittem os dois accenttos as vogaes, a, e; (1) todas as outras admittem só o accentto agudo.

10. Ao concurso de duas vogaes, sendo a primeira accentuada e a outra muda, dá-se-lhe o nome de *diphthongo*. Na lingua portugueza ha doze diphthongos que se representam pela seguinte forma: 1.º *ae*, 2.º *ái*, 3.º *áo*, 4.º *áu*, — 5.º *èi*, 6.º *éo*, 7.º *éu* — 8.º *ío*, 9.º *íu* — 10.º *óe* — 11.º *ói* — 12.º *õe*. (2) Exemplos: 1.º *Pae*, 2.º *Ai!* — 3.º *Pao*, 4.º *Paulo* — 5.º *Feio* — 6.º *Céo*, 7.º *Mèu*; 8.º *Deu* — 9.º *Martyrio* — 10.º *Cobriu* — 11.º *Sóc* — 12.º *Fui* — 13.º *Foi* — 14.º *Mãe*; 15.º *Cãibra* (3); 16.º *Vinteins*; 17.º *Vintem* — 18.º *Põe* (4).

11. As consoantes dividem-se em sete classes, que

(1) O *e* grave tem dois tons realmente distinctos, e dos quaes um se aproxima muito do *a* grave: exemplo: 1.º *Pêna*, 2.º *Têna*. E' para distinguir estes dois sons que nós havemos proposto e propomos a adopção dos tres accenttos agudo (´) grave (˘) e circumflexo (ˆ): e adoptamos o systema francez dos accenttos, porque isso é para nós indifferente, e sendo geralmente conhecido facilita aos estrangeiros a pronuncia da nossa lingua.

(2) N'algumas provincias do reino ha o diphthongo *ôo* (Exemplo: pouco...pôoco) desconhecido e repugnantte aos ouvidos da capital.

(3) E' grave erro escrever *aens* ou *oens* em vez de *ães*, *ões*; já porque se não escreve *aen* nem *oen* no singular; já porque por aquelle modo de escrever se indica ser o *e* nasal; quando na verdade o *a* e o *o* é que o são.

(4) Como nos diphthongos de duas vogaes estas formam uma syllaba, costumam os grammaticos chamar diphthongo ao concurso de duas vogaes que fazem uma syllaba, posto que ellas não representem mais do que um simples som. Assim chamam diphthongo a *ou*, cujo som é tão simples como *o* ou *ó*.

se distinguem entre si pelo órgão que mais notavelmente contribue para a formação de cada um daquelles sons, a saber: 1.º Gutturaes, linguaes, maxillares, dentaes, labiaes e labio-dentaes.

12. As letras que denotam estas diversas sortes de consoantes são as seguintes: gutturaes c, k, qu, g — linguaes: j, g, ch, x, s, ss, c, ç, e, z — palatinas: lh, nh — maxillares: n, l, r — dentaes: d, t — labiaes: p, b, m — labio-dentaes: v, f.

13. É usual dar-se a m, n, l, r, o nome de *liquiditas*; e a todas as outras consoantes o de *mudas*.

14. Qualquer dos sons ou letras mencionados nos artigos antecedentes, bem como qualquer complexo de dois ou mais que, proferidos ou escriptos, significam alguma cousa, constituem uma *palavra*.

15. Qualquer consoante, bem como a reunião d'uma consoante muda e outra liquida, que fór seguida d'uma vogal ou d'um diphthongo, constitue uma *syllaba*.

16. Tambem constitue uma *syllaba* o concurso d'uma vogal seguida d'uma consoante, se depois desta se não segue outra vogal na mesma palavra.

17. Postoque a cada um dos sons acima mencionados corresponda de ordinario uma letra, como havemos indicado, alguns são representados por outros das ditas letras: e vem assim a haver letras que representam varios sons.

18. O som ordinariamente representado por *i* é-o muitas vezes por um *e*: *ex* no principio das palavras, umas vezes pronuncia-se como *eis*, outras vezes como *is*.

19. O som representado communmente por *u*, é-o frequentemente por um *o*.

20. O som que nós designâmos por *ó*, é denotado as mais das vezes por *ou*.

21. O som que dissemos corresponder a *ei*, é muitas vezes representado por *e* ou *é*.

22. O som que dissemos corresponder a *ein*, é quasi sempre representado por *em*.

23. *c*, antes de *e*, *i*, *em*, *im*, pronuncia-se como *ç*.

24. *g*, antes daquellas quatro vogaes, tem o valor de *j*.

25. *s*, entre duas vogaes, tem o valor de *z*: entre uma vogal e uma consoante tem um som sibilante, privativo da lingua portugueza; exemplo: *Escripto*.

26. Nesta incerteza, eis-aqui as regras que convem seguir:

1.º Nas palavras que toda a gente escreve d'um determinado modo, deve-se seguir esse uso geral.

2.º Nas que uns escrevem de um modo, e outro, deve-se seguir a analogia; escrevendo-as, como por uso geral se escreverem algumas outras, que se acharem no mesmo caso.

3.º Se nem para as palavras duvidosas, nem para as que lhe são analogas houver uso geral, escrever-se-ha segundo fór a sua *etymologia*.

27. Assim a primeira regra que se deve seguir, é o *uso geral*, se o houver. Não o havendo, tem logar a segunda regra, isto é, a *analogia* das palavras que, estando no mesmo caso, todos escrevem de um determinado modo. Se nenhuma daquellas duas regras fór applicavel, adoptar-se-ha a terceira, escrevendo-se a palavra, como ella se escrever na lingua donde é derivada (5).

28. É uso geral dar a cada uma das letras os valores que lhes assignâmos nos artigos 5, 10 e 12,

(5) Veja-se a respeito destas tres regras o nosso precedente artigo sobre a orthographia; Pan. vol. 2.º pag. 42.

menos nos casos que vamos expender nos artigos seguintes, que ou são excepções geralmente adoptadas, e devem ser seguidas, em quanto esse *uso fór geral*; ou se escreve variamente, e então recorrer-se-ha á regra da *analogia* ou, na falta desta, á da *etymologia*.

29. Começemos pelas excepções admittidas pelo uso geral (6).

§ 1.º A conjunção copulativa *e* denota-se por um *e*; postoque tenha o som de *i*.

§ 2.º O som *u* mudo no fim das palavras é sempre representado por um *o*; menos nos diphthongos *eu*, e *iu*, que uns escrevem assim e outros *eo*, *io*.

§ 3.º O som de *ó* exprime-se sempre por *o* quando se lhe seguem uma vogal ou duas consoantes. Nos outros casos, ora se representa por *o*, ora por *ó*, ora por *ou*.

§ 4.º Uns escrevem *tão*, outros *tam*. Mas o uso geral é de se escrever *tambem*; pede a regra segunda [da analogia] que se prefira escrever *tam*.

§ 5.º Postoque não haja differença de som entre *áo* e *áu*; o primeiro é geralmente empregado no fim das palavras, e o segundo no principio ou no meio.

§ 6.º O diphthongo nasal *ein* é sempre representado por *em* quando elle só constitue a desinencia da palavra.

§ 7.º Postoque a *etymologia* nos levasse a escrever *quaderno* e *enquadernar*; como o *uso geral* tem adoptado *encadernar*, assim é que se deve escrever; e como uns escrevem *caderno*, outros *quaderno*; pede a regra da analogia que escrevamos *caderno*.

§ 8.º Uns escrevem *epocha*, outros *epoca*; mas como todos escrevem *monarca* e não *monarcha* segundo a *etymologia*; pede a nossa segunda regra que por analogia, se escreva *epoca*.

§ 9.º Segundo a *etymologia* dever-se-hia escrever *majestade*: mas oppõe-se o *uso geral*, e segundo elle, escreveremos *magestade*.

§ 10.º Sendo uso geral escrever *xarope*, xadrez, não é acertado escrever *charope*, chadrez (7).

§ 11.º A letra *ç* é preferida pelo uso geral ás suas equivalente *ss* e *s* nos derivados do hespanhol, onde se acha *z*; e nas terminações que correspondem ás latinas dos nomes em *cio* e *tio*.

§ 12.º O som de *z* no principio das palavras é sempre representado por aquella letra; e no meio dellas, bem como na *syllaba* final, quando na raiz, donde a palavra é derivada, lhe corresponde *z*, *ç*, ou *ss*. Fóra desses casos escreve-se *s*.

§ 13.º Ha na nação repugnancia ao uso dos accentos; mas cumpre emprega-los, sempre que da sua falta poder resultar equívoco. Tai é o caso da distincção entre *e* conjunção e *e* terceira pessoa do presente do indicativo do verbo *ser*; das terminações *amos* dos presentes e dos preteritos; e bem assim as terminações em *arão* e *erão* dos preteritos e dos futuros; e enfim o das palavras esdruxulas, onde, a bem dos menos instruidos, é conveniente accentuar a antepenultima *syllaba*.

Silvestre Pinheiro Ferreira.

(6) O numero destas excepções é muito consideravel; e nem as nossas occupaões nos permitem fazermos a resenha dellas; nem conhecemos obra alguma, onde ella se encontre. Mencionaremos pois sómente essas poucas que neste momento nos occorrerem; não porque lhes dêmos preferencia a quaesquer outras, mas para excitar as pessoas mais versadas nestas materias, e que a isso poderem consagrar o tempo necessario, a emprehenderem este util trabalho.

(7) Se se tratasse de propôr reformas seria mais acertado convencionar-se em banir o uso das duas letras *ch*, substituindo-lhes sempre o *x*.



ESTATUA DE COPERNICO POR THORWALDSEN ERECTA EM 11 DE MAIO DE 1850.

NICOLAU Copernico nasceu em Thorn, cidade da Prussia, proxima ao Vistula quasi na paragem onde elle corta a fronteira polaca. Descendia de familia nobre; e a data do seu nascimento uns a põem em 19 de janeiro de 1472, outros em 19 de fevereiro de 1473; morreu de 70 annos em 1543. Tendo gozado as vantagens da educação domestica, e obtido sufficiente conhecimento dos classicos, mandaram-no a Cracovia completar seus estudos: applicou-se com proveito ás duas faculdades de philosophia e medicina, em que tomou o gráu de doutor; porem desde a juventude manifestára ardente paixão pelas mathematicas, e logo que pôde deu-se todo a esta sciencia, e com especialidade á astronomia. Attrahido emfim pela fama de Regiomontano, resolveu visitar a Italia para receber instrucções de tão celebre homem; e para que desta viagem colhesse o maior fructo possivel, estudou primeiro desenho e perspectiva, o que lhe inspirou inclinação á pintura, de fórma que veio depois a cultivar esta arte, senão como professor, ao menos com os applausos de muito applicado curioso. — Contando apenas 23 annos deu principio ás suas viagens: parou em Bolonha para ouvir o astrónomo Dominico Maria, que admirado da sagacidade do novo discipulo o admittiu á sua amisade; em 1500 o achámos em Roma tambem amigo intimo de Regiomontano, que o fez prover n'uma cadeira de mathematica, a qual regeu com distincção. Continuou as suas observações astronomicas; e passados alguns annos voltou á patria, onde foi mui favoravelmente recebido, assim por causa da vastidão de sua sciencia, como pela affabilidade de suas maneiras. Seu tio, o bispo de Warmia, alcançou-lhe um canoni-

cato, mas primeiro que em paz o deixassem desfructar esta dignidade teve de combater varias opposições, que a final cederam na presença do jus que lhe assistia. Quando socegado quanto a estas alterações, repartiu o seu tempo em tres principaes occupações: o desempenho dos sagrados deveres do seu cargo, — a distribuição de remedios e as consultas gratuitas aos pobres, — as indagações e observações da sua sciencia estimada. A casa em que elle habitava em Allenstein ainda permanece, e nas paredes da sua camara veem-se as perforações que mandára fazer afim de observar a passagem de estrellas pelo meridiano. Não era homem que frequentasse sociedades, ou se intromettesse em negocios de nações, a sua correspondencia e communicação era com os sabios e estudiosos; mas não obstante a vida reclusa, que adoptára, achamo-lo por vezes encarregado da administração das temporalidades do bispado, que lhe foi confiada durante as vacancias da sé. Esta commissão não só requeria probidade senão tambem coragem; era necessario defender os direitos da sé contra as pertenções dos cavalleiros da ordem theutonica, corporação respeitavel nesse tempo. Copernico nem cedeu á auctoridade dos contendores, nem se intimidou com as suas ameaças: assim notámos em o seu caracter firmeza e constancia com habitos de estudo e contempção — qualidades não menos necessarias que o talento para attacar e subjugar preoccupações que tinham raizes nas crenças dos tempos anteriores. Tinha conversado os mais celebres astrónomos, contemporaneos seus; e conhecendo perfeitamente as obras dos antigos causava-lhe assombro a complicação dos systemas que idearam, a carencia de symmetria, que suppunham na disposição do universo, a discordancia entre uns e outros e com os phenomenos observados. Deu-se portanto ao trabalho de comparar todos esses systemas racionalmente e combina-los com o resultado das observações, para aproveitar as verdades que cada um contivesse, e crear outro que fosse uniforme, harmonico e simples. Do progresso e remate das suas investigações daremos conta em outro numero.

(Continúa.)

#### ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES DE LISBOA.

Exposição de 1843.

V.

#### ESCUPTURA.

O favor com que mais se accende o engenho,  
Não no dá a patria, não; que está mettida  
No gosto da cubiça, e na rudeza  
D'uma austera, apagada e vil tristeza.

CAMÕES — LUS. CANT. X:

VISITAI os archivos desertos deste nosso Portugal, estudai esses restos preciosos dos primores d'arte que a mão do vandalo moderno não pôde derrubar, vêde na quasi apagada escripta dos antigos pergaminhos a narração singela e exacta dos mais altos e nobres feitos que homens podem praticar, e conhecereis depois que Portugal teve tambem cantores dignos de vibrarem as lyras dos Homeros e dos Virgilios, artistas, dignos deste nome, escriptores que pelo acertado do pensar e formosura do estylo não foram excedidos por estranhos: mas se em vez

de olhades para a nossa tão mal coordenada e sabida historia, quereis vêr na patria do heroe um monumento que o lembre, na cidade ou povoação em que nasceu uma saudosa recordação, não vos fatigaeis porque procurais o que não existe.

Em a nossa patria a arte não é chamada para erguer monumentos ao genio, ao valor, e ao saber, porque o brado da civilisação ainda não pôde conseguir que a ingratição acabasse na terra de tantos

«Em quem poder não teve a morte.»

Correi Portugal não encontrareis um monumento levantado por esta geração aos ascendentes que tanto a ennobreceram, nem uma estatua sobre simples pedestal em que só esteja gravado um nome vos despertará na alma uma lembrança para tantos que illustraram o nome portuguez, e se não houverdes trato deste povo direis que as mais nobres affeições da alma estão abafadas, mortas sob o peso da ignorancia, ou do orgulho, e pensareis que só ha almas corrompidas sob o céu mais puro do mundo, e sobre a terra mais bella e fecunda que o sol cobre. O seculo actual será talvez o que em Portugal veja as artes serem consideradas do modo que devem ser, e no qual acordemos do lethargo da indifferença com que temos visto passar sobre esta nossa abençoada terra esses homens extraordinarios de quem sempre uma parte da vida, a mais formosa e robusta, se prende aos escriptos em que as lagrimas do desgraçado não deixam ler os pensamentos do poeta, as maximas do philosopho ou as narrações do historiadôr. Os barcos de vapor cortam as aguas dos nossos rios, as fabricas começam a povoar as nossas cidades e deixámos o povo sem recordações, e não pensámos que o povo das machinas e do vapor não tem necessidade de ser virtuoso e grato: não desenvolvemos na alma do povo o sentimento do bello, e a idéa do infinito, estas duas bases da felicidade publica: e o que hade ser a posteridade, se não appresentámos as memorias do passado aos olhos da geração que nos cerca? nós os homens de hoje assentámos que para perpetuar a nossa lembrança bastam-nos alguns cemiterios em que possamos mandar erguer elevadas pyramides ou sumptuosos monumentos: mas estes tumulos são muitas vezes monumentos de vaidade, mas nunca são recordações da patria: quem tem ouro pôde ahí vir a ter um monumento, mas no pensar do povo só quem tem gloria e virtude os pôde ter: e com effeito se o maior poeta da peninsula, e um dos maiores poetas do mundo, não teve uma solemne lembrança da patria, que sempre immortalisou no seu cantar, não foi esquecido pelo povo, a exposição o demonstrou: porque os artistas são sempre homens do povo; se não tem meios de realisar os seus planos deu-lhe Deus imaginação com que os tracem, e assim provam que não são ingratos. O que fica dito confirma a opinião em que estamos de accôrdo com os benemeritos editores das obras completas de Camões dadas á luz em Hamburgo no anno de 1834, quando na prefacção do tomo 2.º dizem: «que se nenhum escriptor foi mais desprezado e perseguido de seus compatriotas, tambem nenhuma nação ha sido tão castigada como a portugueza das perseguições e desprezos que soffreu este grande homem, não della, mas do seu governo, e dos grandes e poderosos, de cujos crimes é quasi sempre o povo quem vem apagar as penas.»

O Sr. Francisco de Assis Rodrigues, professor proprietario da aula e laboratorio de esculptura, é

um artista tão distincto e pouco vulgar, reúne em si tantos merecimentos alheios á esculptura, e o seu nome e a sua eschola ligam-se de tal modo á historia da esculptura em Portugal que só um artista nestas circumstancias podia traçar o plano de um monumento para Camões: por menos que o espaço nos permitta desenvolver mais o que deixámos dito, sempre o tentaremos fazer. Discipulo de Machado de Castro e do seu digno discipulo Faustino José Rodrigues, o Sr. Assis dotado de um genio elevado e de um gosto aprimorado não podia deixar de ser um artista distincto: homem de letras, e estudioso presador das cousas patrias, podia imaginar um monumento para Camões assim como soube comprehender e avaliar obras eternas deste grande poeta: pois que não é só o instincto artistico e a rotina, fructo de muitos annos de trabalho, que pôde formar um artista, e se ha quem pense de modo differente e vos aponte para um ou outro exemplo, dir-lhe-hemos que a pratica sem uma educação propria e um estudo aturado de cousas que parecem alheias á arte, mas que o não são, pôde formar um artifice, mas não um artista, que só merece este nome quando o verdadeiro saber é o seu titulo de gloria, e não um semimorto raio da luz do genio cercado pelas trevas de uma rudeza infatuada, e de uma vaidade mesquinha; e sirva isto de resposta aos que julgam que é facil o ser artista.

A eschola do Sr. Assis é a mais propria para o monumento de que fallámos: ante uma obra do Sr. Assis recordando-vos dos nomes dos seus mestres, e da sua importancia nas transformações da arte, se pôde escrever um breve juizo ácerca da esculptura portugueza, um dos ramos da arte, talvez o unico em que tenhamos um estylo nacional. — O caracter deste estylo é todo espirital, ás vezes em excesso, e com grave desprezo da formosura e elegancia da fórma: mas este defeito, se assim o podêmos chamar, existe só na origem da nossa esculptura, e as obras do Sr. Assis, e do Sr. Cerqueira seu discipulo e digno substituto, se vê o progresso gradual que a esculptura tem tido entre nós.

O pensamento nobre e sublime de fazer lembrar a memoria do esquecido Cantor da lusa gente, foi appresentado pelo Sr. Assis por dois modos — a nossa opinião é que ambos os grupos tem um valor igual, ainda que expresso por differentes modos: o que adiante teremos occasião de provar. Ambos os grupos representam o genio da nação portugueza coroando a Camões; em um o busto do heroe é que vai ser coroado; em outro é o proprio heroe que recebe a honra devida ao seu genio.

O primeiro grupo de que fallámos é moldado em gesso, e tem de altura  $3\frac{1}{4}$  palmos por  $2\frac{3}{4}$  de largura: o genio da nação eleva com a mão direita a corôa de louro em attitude de coroar o busto de Camões, que se vê collocado em um simples pedestal, e apoiando o mesmo genio a mão esquerda sobre o escudo das Armas portuguezas (1). O segundo grupo é um esboceto, modelado em barro; significa o mesmo épico, vestido ao uso civil, em acção de receber a mensagem do genio da nação, que, ligeiramente sustentado em uma nuvem, lhe offerece a grinalda de louro que o poeta mostra aceitar como premio de seu estro distincto, apontando para a lyra (2).

Antes de examinarmos a execução primorosa des-

(1) Descripção das obras dos professores &c. &c. expostas nas competentes salas, ás quaes se refere a synopsis lida em sessão publica &c. pag. 15.

(2) Idem pag. 16.

tes dois grupos digamos algumas palavras ácerca do pensamento que exprimem, e mostremos os motivos em que fundamentámos a opinião que avançámos ácerca da identidade de seu grande merecimento.

Cada um dos grupos é a vida de Camões, tão sublimemente imaginada, e tão bem exposta como a poderia imaginar e expôr o genio. — Em ambas a recompensa é tardia. — O busto de Camões sobre o pedestal exprime bem que já era sobre um monumento que o genio da nação vinha depôr a corôa; e o modo solemne com que o heroe de pé com o rosto nobremente erguido aponta para a lyra explicam bem que a corôa veneranda desce tarde sobre a cabeça de

«Aquelle, cuja lyra sonora  
«Será mais affamada que ditosa.»

Em ambas o genio é uma apparição, uma criação aerea, um esforço de pensamento que para representar uma idéa toma uma fórma quasi vaporosa: ao vêr os dois genios direi que cada um é uma visão que mal se contém nos elegantes e imperceptíveis limites da fórma, que parece modelada por encanto. — Um dos genios, o que está coroando o busto, encosta-se no escudo das Armas portuguezas, no qual sobresaem as santas quinas, o outro genio tem-as ao peito, ambos manifestam a sua nobreza pela memoria do milagroso feito que livrou a independencia portugueza de ser esmagada e despedaçada pelos exercitos do poderoso Ismar.

Assim que olhais para estes grupos em ambos o poeta vos dirá

«Olhai, que ha tanto tempo que cantando  
«O vosso Tejo e os vossos lusitanos  
«A fortuna me traz peregrinando,  
«Novos trabalhos vendo, e novos danos:  
.....  
«Qual Canace, que á morte se condemna,  
«N'uma mão sempre a espada, e n'outra a penna.»

A lyra esculpida no pedestal do busto, ou desleixadamente sustida pelo braço esquerdo do poeta, vos recordam a lyra de cujas cordas sonoras sabiram as suaves e sentidas harmonias do intimo d'alma; os puros e singelos cantos dos pastores, e os arrebatados, sublimes e profundos sons que inspirados pela gloria e pela virtude fizeram estremecer os manes dos Homeros e dos Virgílios, pois que o mundo os esquece por

«Que outro valor mais alto se alevanta.»

Se os examinais de perto, em ambos os grupos o rosto do heroe, alem de o verdes mutilado, e provando-vos os brios de valoroso capitão, e de na frente magestosa verdes escriptos pela mão occulta do genio os dez immortaes cantos dos Lusíadas, vereis em uma certa expressão de tristura e sentimento, que tão mysteriosamente harmonisa as feições, transluzir aquella saudade tão bem definida pelo poeta na hora em que escreveu

«Quando de minhas maguas a comprida  
«Maginação os olhos me adormece,  
«Em sonhos aquella alma me apparece,  
«Que para mim foi sonho nesta vida.»

E nessa mesma tristura e profundo sentir que o Sr. Assis tão bem gravou no rosto do poeta desgraçado nos repete tambem os seus protestos de amor para com o patria de quem o desterro o havia separado, dos quaes nos deixou memoria em mais de

uma parte dos seus escriptos, e que bem expressou quando, nas inimitaveis redondilhas em que paraphraseou o Psalmo 136, diz

«Terra bemaventurada,  
«Se por algum movimento  
«D'alma me fores tirada,  
«Minha penna seja dada  
«A perpetuo esquecimento.»

De todos quantos primores d'arte temos admirado devidos ao genio e ao saber do Sr. Assis, nenhum nos causou um sentimento de mais profundo entusiasmo pelo talento deste celebre e verdadeiro artista do que os dois grupos que não nos cançámos de admirar já que os não podêmos louvar do modo que merecem: qualquer delles se fosse levado a qualquer das opulentas cidades da Europa seria visto com interesse e gratidão: estes dois grupos alem do elevado e magestoso do pensamento, revelam o continuado estudo de que são resultado.

O Sr. Assis estudou a vida de Camões, a epocha em que o poeta teve a desventura de viver, e as obras do seu tão inspirado talento: examinai com attenção os dois grupos e vereis confirmado o que deixámos dito. A vida do poeta resume-se em tres palavras — amor — religião — e patria; a epocha em que viveu tambem se resume em tres palavras — ambição — fanatismo — e opprobrio. O amor do inspirado cantor das margens do Tejo é tão intimo e puro como a alma mais nobre e elevada o póde sentir, e quando fere as cordas da lyra o som mais suave, o que mais arrebatava o mundo inteiro é esse harmonioso e sentido canto que perpetua para sempre a memoria dos malfadados amores da formosa Ignez, e do arrebatado Pedro; e esse som partido da alma do poeta e echoando no peito arfando ainda de saudade, provou ao mundo que a mão que no Oriente havia ceifado bastos louros teria tambem mais d'uma vez comprimido o palpitar do coração no delirio de uma paixão, e enchugado ardentes lagrimas no tristissimo e saudoso viver que seguiu de perto esse delirio: olhai para qualquer dos grupos e vereis as feições do poeta como que encobertas pelo imperceptível véu de uma tristura saudosa que transluz atravez dos outros sentimentos, assim como o seu infeliz amor apparece na sua vida entre os mais solemnes acontecimentos. Examinai de perto o rosto de Camões e nelle vereis gravada a expressão que vos dirá que só esse homem podia ser o cantor do poema os Lusíadas, e que só elle por ter amado, e tanto quanto se póde amar, poderia ter imaginado e escripto o episodio da misera D. Ignez de Castro (3). Um dos caracteres da epocha combateu um dos sentimentos da alma do poeta — a ambição declarou-se inimiga do seu amor, o saial remendado do bardo não agradou a cavalleiros vestidos de seda, que não tinham alma para comprehender o sublime e puro sentimento que o havia inspirado — o desterro que este amor lhe mereceu feriu a esperança unica da sua felicidade, depois a morte da que tanto amára malou para sempre esta esperança: nesta triste situação só a espada ou o bordão de peregrino podia roubar ao tumulto vida que tanto valia: Camões tomou a espada em lugar do bordão de santo viajante, defendeu no Oriente o dominio da Religião, e concorreu para que este dominio mais

(3) Todos sabem que muitas traducções se tem feito do poema — os Lusíadas — em quasi todas as linguas, e que muitas mais traducções se tem feito ainda deste bellissimo episodio de que do mesmo poema.

se alargasse, era quasi o mesmo que pizar a terra da Palestina para ajoelhar ante o santo sepulchro; em um dos grupos o elmo e outras peças de armadura collocadas ao lado da nobre figura do poeta vos dizem tudo isto de um modo muito mais eloquente do que este pobre escripto vo-lo pôde dizer; o mesmo vos repetirá o outro grupo, pois que o busto de Camões o representa como guerreiro, tendo, como já dissemos, a lyra esculpida no pedestal, e sobre a qual o talento do Sr. Assis collocou o astro do dia — indicando esta acertada lembrança que foi no Oriente que o genio afinou essa lyra para sempre immortal.

O sentir que a saudade amortecêra na alma de Luiz de Camões apenas se reanima por entre o embate das armas, o entusiasmo das pelejas por pouco tempo o inspira; mas ainda armado com o escudo, cuja divisa era a ave phenix ardendo sobre as chamas, exclama fallando da perda do olho em um combate naval

«Agora experimentando a furia rara  
«De Marte, que c'os olhos quiz que logo  
«Visse e tocasse o acerbo fructo seu,  
«E neste escudo meu  
«A pintura verão do infesto fogo» (4).

O fanatismo que na patria transtornava o verdadeiro sentimento religioso, e que é sempre tão prejudicial como o descrer e quantos modos falsos possa haver de considerar o puro e divino sentimento chamado religião, espalhava os seus damnosos resultados em todos os dominios portuguezes, e este mal junto a outros porventura maiores agouravam a proxima ruina da patria. Camões soffreu os effeitos deste caracter da epocha depois de morta para sempre sua maior e primeira esperanza, no mundo só encontrou ingratião e soffrimentos, a sua fortuna foi como elle proprio o diz:

«Uma esperanza em vista de diamante;  
«Mas quando das mãos cahe se conhece  
«Que é fragil vidro aquillo que apparece» (5).

Assim desamparado do presente, preparando-lhe a epocha em que vivia um futuro desgraçado, para não morrer ferido por tamanha dôr só lhe restava o passado glorioso dos seus compatriotas — a patria foi a vida para o desaventurado poeta — a sua frente magestosa volta-se para o Oriente, o seu pensar recorda-se das epochas mais notaveis da historia portugueza, e um poema offerece que immortalizando a memoria da terra que o inspirára immortalisa tambem o nome do seu auctor — esta pagina da vida de Camões, a mais brilhante de luz do genio e a mais sublimemente imaginada, já a vimos nos grupos admiraveis de que fallamos. Ao passo que Portugal despe a sua armadura de seculos, e a espedaça arrastando-a pelos campos d'Alcacerquivir onde sepulta 64 annos da sua futura existencia, e a traição hespanhola o escravisa, um seu filho e um dos maiores poetas do mundo, dos louros de antigos e gloriosos combates e de proveitosas conquistas tece famosa corôa, que da beira da sepultura a sua mão depõe sobre a frente da nação proxima a cahir escrava. — Portugal é de novo chamado á vida da independencia: mas ainda que o não fôra, o seu passado já não poderia ser esquecido, porque o genio de Camões o salvára do abysmo do esquecimento. Na epocha em que o grande poeta viveu, a mão do

estrangeiro escreve no sepulchro em que encerra a liberdade de Portugal a palavra — opprobrio, — e o poeta expirando com essa liberdade, exclama no seu ultimo suspiro — Patria, — e esta palavra depois de por 64 annos haver reboado no vasto carcere em que a Hespanha havia transformado Portugal, é repetida com enthusiasmo por toda essa nação que heroicamente conquista a perdida liberdade.

Olhai para ambos os grupos e vereis esta palavra — Patria! — que tão do intimo d'alma a proferiu o artista quando imaginou tão sublimes monumentos em que está escripta a vida de um grande homem e a historia de uma desgraçada epocha da nossa historia. Quanto á execução destas duas maravilhosas producções artisticas do Sr. Assis, dizendo que é perfeita haveriamos dito quanto com justiça e sem lisonja nem excesso de amizade se deve dizer do cuidado, estudo e saber com que ambos os grupos foram modelados, se não desejassemos fazer conhecidas do modo que podêmos algumas das formosuras que constituem essa perfeição. No grupo modelado em gesso, o genio que está coroando o busto, alem do caracter serio de que já fallámos, tem um caracter de elegancia e ligeireza nas fórmas admiravel, e recordando-nos o typo ideal da fórma grega manifesta-nos o pensamento moderno que o anima: o mesmo se pôde dizer do outro genio que no grupo modelado em barro offerece a corôa ao sublime poeta, pousando quasi imperceptivelmente sobre uma nuvem, e parecendo que ao mesmo tempo que o corôa desaparece; a attitudo do grande Camões neste grupo é tão nobre quanto é magestoso o busto de que primeiramente fallámos, o qual é tão expressivo na serenidade mysteriosa das suas immoveis feições, como o gesto do rosto do epico que apontando para a lyra recebe a corôa. A harmonia da composição junta a tantas perfeições attesta a justiça do pouco que deixámos dito ácerca da execução de ambos os grupos.

Camões foi um genio grande que inspirou tres grandes genios modernos. O insigne Sequeira, um dos nossos mais celebres e estimados pintores, o Sr. Garrett insigne poeta moderno de Portugal, e o Sr. Assis hoje o nosso primeiro escultor, levantaram ao immortal poeta os monumentos que a patria ingrata ainda lhe não alevantou; e quando a posteridade chamar á maioria dos portuguezes *raça de ingratos* abençoará os nomes dos que o não foram.

Portugal ainda não ergueu um monumento ao homem que o tornou immortal — a Europa inteira o sabe, e ainda uma hora de vergonha não vingou mais de dois seculos de ingratião, nem sobre os seus venerandos restos mortaes por tanto tempo abandonados e desconhecidos se erigiu ainda uma digna lembrança da patria: ao escrevermos estas tristissimas palavras nos lembram os seguintes versos do sublime poema — Camões — que bem se applicam ao que fica escripto:

. . . . . Eternas fiquem  
Estas . . . . .  
Injuriosas palavras, para sempre  
Em castigo e escarmento conservadas  
Nos fastos das vergonhas portuguezas.

Permitta Deus que não tarde muito a epocha em que Portugal se lembre não só do grande Camões, mas de tantos outros heroes, que no sepulchro do esquecimento esperam ha seculos por uma lembrança da patria.

(Continuar-se-ha).  
S. J. Ribeiro de Sá.

(4) Canção X., estancia 10.<sup>a</sup> na edição de Gendron.

(5) Idem, idem.